

Pai é quem cria!

Hoje também é dia de celebrar as figuras masculinas que desenvolveram afeto e participaram da criação e formação de "filhos" que não são biológicos

POR EDUARDO FERNANDES*

A ausência paterna dentro de núcleos familiares é uma realidade comum para muitos. Não ter contato com o pai biológico ou sequer conhecê-lo é uma experiência que pode trazer lacunas. E, diante do iminente vazio, certas figuras masculinas cumprem bem esse papel: avôs, tios, padrastos e outros homens. Eles também merecem ser homenageados e lembrados por aqueles que tiveram o privilégio de encontrar carinho e criação em quem não tinha a obrigação de fazer isso — mas que fizeram.

Quando a mãe de Ana Lídia Queiroz ficou grávida dela, ainda muito jovem, aos 17 anos, o pai biológico não reagiu bem. Apesar de ter registrado a filha, o homem manteve raro contato com a estudante de enfermagem ao longo

Ana Lídia Queiroz, 22, desenvolveu pelo padrasto, Adhaisson Belluti, 50, um carinho de filha, e desde pequena o chama de pai



dos 22 anos de vida da jovem. Resumia-se, apenas, à pensão alimentícia. Diante disso, outras figuras masculinas foram responsáveis pelo acolhimento e afeto. O avô, conhecido como senhor Queiroz, e o padrasto, Adhaisson Belloti, 50, são os seus heróis, como ela os chama.

“Eles são minhas referências, que me apoiam, são minha base. Nunca me deixaram faltar nada. O que não tive com o meu pai biológico eles supriram e suprem até hoje — o amor, o cuidado, a preocupação, o amparo”, relata a moradora do Gama. Ainda que o suporte estivesse presente, as marcas do abandono eram uma questão na vida de Ana, que precisou buscar ajuda psicológica para sanar as feridas. Mas, mesmo com as inseguranças, ela se diz grata por tudo. Cada passo e experiência vivida, de uma forma ou de outra, a fizeram ser quem é: uma

pessoa forte e independente, amada e querida.

Nas palavras do padrasto, Ana é fantástica, educada, linda e inteligente. Com a voz embaraçada, afirma que ter presenciado o crescimento da filha foi um presente divino. “Ela foi criada com muito amor. Eu e a mãe dela fizemos o possível”, ressalta o policial militar. Hoje, ele, em tom descontraído, acredita ter feito um bom trabalho. De acordo com Adhaisson, a jovem cresceu e se tornou motivo de orgulho para toda a família.

Importância do afeto

Professora do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília (UnB), Carla Antloga reforça a necessidade de uma presença masculina ao longo da vida do indivíduo. A representação, de acordo com ela, é importante para ocupar um lugar de proteção e cuidado, que pode ser exercido por tios, professores, padrastos e irmãos mais velhos.